



Uma Epidemia na Intimidade: personagens e representações discursivas no noticiário da gripe de 1918, no Recife.¹

Eduardo Alexandre de Farias²

Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco
– PPGCOM/UFPE.

Resumo

A pandemia de gripe de 1918 foi o pior evento epidêmico do século XX e atingiu a cidade do Recife entre setembro e novembro daquele ano. Sua passagem pela capital pernambucana ficou registrada no noticiário dos jornais que evocam, hoje, uma representação discursiva da epidemia influenciada pelas disputas políticas das elites regionais. Contrapondo-se a esse aspecto partidário, a inclusão, pelo noticiário, dos personagens desse evento epidêmico acabaram sobrepondo-se em alguns momentos aos interesses políticos presentes nesse discurso jornalístico.

Palavras-chave

Análise do discurso; gripe espanhola; jornalismo e saúde.

Corpo do trabalho

Introdução

No início do século XX, a ausência dos recursos midiáticos eletrônicos, tão comuns aos cidadãos um século mais tarde, fazia dos jornais impressos palanques privilegiados dos discursos hegemônicos regionais no Recife. Na maioria dos veículos de imprensa recifenses da segunda década, enquanto a guerra na Europa, a vida política e econômica ganhavam destaques nas primeiras páginas, o cotidiano simples e as notas sociais ficavam na intimidade do jornal, em suas páginas internas. E ainda que tais passagens estivessem, elas mesmas, inseridas dentro de um contexto discursivo hegemônico, elas davam o tom estável dos pequenos momentos da vida urbana.

Com a chegada da pandemia de gripe espanhola de 1918, que grassou o Recife entre setembro e novembro daquele ano, as pequenas descrições do cotidiano e o registro social regular adquiriram outra coloração. O olhar na intimidade social do Recife evidenciou a tragédia que afetou o dia-a-dia de toda a cidade naqueles dias. Nesse cenário epidêmico, o olhar do jornalismo voltou-se das grandes questões

¹ Trabalho apresentado na NP Comunicação Científica, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação formado pelo PPGCOM/UFPE. E-mail: edualexandre@uol.com.br



nacionais e internacionais para que ocorria em volta da redação. O noticiário local expandiu o seu sentido, passando a servir também como termômetro social da expansão da gripe, assim como o registro do cotidiano tornou-se o espaço discursivo onde a epidemia esteve representada em seu aspecto mais temido.

Usando a Análise do Discurso como instrumento de compreensão do texto jornalístico, que é indissociável de seu momento histórico, o presente trabalho pretende revisitar o noticiário da epidemia de gripe de 1918, em Recife, dando seqüência a outros enfoques do mesmo período apresentados pelo mesmo autor, mas destacando, nessa breve análise, o papel desempenhado pelo obituário e pela descrição dos personagens no jornalismo que acompanhou a passagem da influenza espanhola pela capital pernambucana.

A pandemia de 1918

Maior e mais letal pandemia do século XX, a gripe espanhola percorreu o mundo no último semestre de 1918 e nos primeiros meses de 1919. Tão rápida e devastadora foi a doença que os números de mortos são até hoje motivo de controvérsia entre seus historiadores. Estimativas dão conta de vinte e cinco a cinquenta milhões de vítimas fatais (DÁVILA, 1993, p. 9). No entanto, a despeito desses números, a gripe de 1918 e o seu impacto social são assuntos ainda pouco estudados e as pesquisas históricas existentes tendem a usar o jornal como fonte imparcial dos acontecimentos, daí a necessidade de um olhar crítico sobre o noticiário da época para uma compreensão mais ampla dos elementos formadores dos seus diversos discursos.

Não existem registros seguros da data exata da chegada da gripe espanhola ao Brasil. A versão mais aceita para a sua entrada no País cita o paquete britânico *Demerara* que, vindo da Europa no início de setembro de 1918, atracou no Rio de Janeiro no dia 14 daquele mês, já com vários enfermos, após passar por outros portos brasileiros (BERTOLLI FILHO, 2003, p. 74). No Recife, em 25 de setembro, o *Jornal Pequeno* dá o primeiro alerta. Numa nota o jornal informa que o vapor *Piauhy* chegara ao porto com dois doentes no dia anterior (NO PORTO..., 1918, p.1). Em poucos tempo a doença saltou do porto para as ruas da cidade. No início de outubro os doentes se multiplicavam em ritmo acelerado e o cotidiano da cidade foi abruptamente interrompido. Comércio, repartições, escolas e cinemas fecharam e serviços públicos como telefonia e transporte quase pararam. A cidade se viu tomada pela gripe e, ao



final da epidemia, mais de dois mil mortos engrossavam as estatísticas oficiais (FREITAS, 1918).

A influenza espanhola veio ao encontro de uma cidade politicamente dividida entre grupos políticos de uma mesma elite social. Em 1896 chega ao governo do estado a oligarquia encabeçada por Francisco de Assis Rosa e Silva. Formado pela Faculdade de Direito do Recife, Rosa e Silva havia sido deputado provincial durante o império, defendendo os interesses das elites agrárias e comerciais pernambucanas. Na República apóia – e é apoiado – pelos presidentes Prudente de Moraes e Campos Sales. Em 1901, Rosa e Silva comprou o *Diario de Pernambuco* (DP), do Recife, que se tornou, a partir de então, veículo de propaganda rosista.

A ascensão de Hermes da Fonseca à Presidência da República, em 1910, marca a chegada ao poder do primeiro presidente militar eleito. A influência da caserna no governo é observada na “política de salvação”, ou “salvacionismo”, que tem como ideal o

combate à oligarquia corrupta e seu sistema político, patriotismo, espírito combativo, apologia do soldado-cidadão, politicamente ativo. Julgam o povo ignorante, amorfo, incapaz de vencer a oligarquia, tarefa que cabe ao Exército, “síntese desse mesmo povo” (JOFFILY, s.d., p.114)

Em Pernambuco, esse ideário salvacionista foi incorporado pelo General Dantas Barreto, Ministro da Guerra de Hermes, que concorreu ao governo do Estado com o apoio federal, contra o próprio Rosa e Silva, em 1911. A campanha foi violenta, com o aparelho político estadual dando apoio a Rosa e Silva e o exército a Dantas Barreto. Para Cardoso (1997, p. 140), os embates ocorridos na capital pernambucana naqueles dias ficaram consagrados na expressão “Recife sangrento”, alcunha consagrada por um livro de Oscar Melo. Foi o período de maior violência política da República Velha em Pernambuco. O conflito culmina com a vitória de Dantas Barreto e o desmantelamento da máquina rosista, incluindo o fechamento por quase um ano do *Diario* e posterior mudança de proprietário.

Os acontecimentos de 1911/1912 deixaram forte impressão em Pernambuco. Para Zaidan (2005), o conflito de 1911 é a “porta de entrada de Pernambuco para a modernidade”. A proposta de dinamismo do novo governo se contrapõe ao assistencialismo oligárquico do governo que sai e encontra uma burguesia ansiosa por mudanças que tirem o Recife do marasmo provinciano de então e o coloquem no rumo



do desenvolvimento cujo símbolo máximo é novo urbanismo sanitário europeu. Esse pensamento atinge seu apogeu com a aceleração das reformas no porto do Recife, que haviam se iniciado no ano anterior à campanha de Dantas Barreto, mas que assumiram grandes proporções em seu governo.

Contudo, para decepção de muitos, as velhas práticas políticas continuaram a fazer parte do cenário pernambucano. Em 1914, Manoel Antonio Pereira Borba vence as eleições para governador, apoiado politicamente em Dantas Barreto. Nesse cenário, o jornal *A Província*, outro tradicional Periódico naquele momento histórico, abandona sua pretensa neutralidade para louvar as ações do governo que saía e divulgar as qualidades do candidato que assumia o poder estadual. A aliança de Dantas Barreto com Manuel Borba, entretanto, termina na metade de seu mandato, com o rompimento do novo governador com o seu padrinho político e o conseqüente racha no Partido Republicano Democrata (PRD). Em 1917, *A Província* se mantém fiel a Dantas Barreto e assume, para os seus leitores, fazer oposição ferrenha à administração borbista. Em contrapartida, o *Diario*, mesmo publicamente neutro, assume posições oficialistas. É nesse contexto que a imprensa pernambucana vê a chegada da epidemia de gripe, em 1918. Com o advento da doença, a saúde passa ao protagonismo do cenário político recifense.

Ecossistemas impressos da epidemia

Passados noventa anos da gripe e de seu noticiário, é praticamente impossível recorrer aos atores envolvidos naqueles fatos – jornalistas, editores, médicos, pacientes, políticos, dentre outros – para desvendar as relações de poder e os processos específicos que caracterizaram o surgimento dos textos jornalísticos. A maior fonte de informação sobre as condições de aparecimento dos diversos artigos da gripe espanhola é, portanto, o próprio noticiário da doença.

Tendo então como base a coletânea do noticiário da gripe espanhola em Recife, podemos recorrer à noção de arquivo que Foucault (2005, p. 147) nos oferece, como solução para seu estudo:

O arquivo não é o que protege, apesar de sua fuga imediata, o acontecimento do enunciado e conserva, para as memórias futuras, seu estado civil de foragido; é o que, na própria raiz do enunciado-acontecimento e no corpo em que se dá, define, desde o início, o *sistema de sua enunciabilidade*. O arquivo não é, tampouco, o que recolhe a poeira dos enunciados que novamente se tornaram inertes e

permite o milagre eventual de sua ressurreição; é o *sistema de seu funcionamento*.³

Partindo dessa idéia, é no próprio conjunto de textos estudados que estão os códigos e critérios para o estudo de seus enunciados. Essa abordagem, assumida pela Análise do Discurso, é o que nos credencia a acessar as condições de produção do discurso jornalístico da gripe espanhola no próprio noticiário da epidemia.

Mas não bastaria apenas acessar a gênese do discurso de 1918 e sim analisá-lo também como instrumento de percepção da realidade e, principalmente, como prática política e hegemônica que nos permita chegar até as forças que contribuíram para moldar o noticiário da pandemia. Assim, o discurso da epidemia, longe de ter sido algo já dado e acabado em cada artigo foi um espaço dialético entre seus processos constitutivos e a realidade (FAIRCLOUGH, 2001).

É, pois, essa compreensão da disputa hegemônica no espaço discursivo do jornalismo recifense durante a crise epidêmica de 1918, que poderá lançar luz sobre esse episódio do jornalismo brasileiro e trazer subsídios que sirvam para o estudo do discurso científico como espaço de embate discursivo no processo de divulgação da pandemia. O resgate do noticiário da gripe espanhola surge como uma oportunidade de avaliação das diversas forças que atuaram, naquele momento histórico, dentro do discurso jornalístico, para gerar diferentes representações sociais da doença encontradas em distintos veículos de comunicação. E a análise dessas forças é, também, uma forma de avaliação desse mesmo discurso jornalístico na mediação científica.

Como já dito, o presente artigo é parte de um estudo maior sobre o impacto da gripe espanhola no jornalismo pernambucano, compartilhando, portanto, a metodologia dessa pesquisa mais ampla. Para essa análise foram considerados dois dos principais jornais que circulavam no Recife, na data de início da epidemia: *A Província* e o *Diário de Pernambuco*, cada um por defender posições opostas no espectro político recifense daquele ano. Inicialmente foram considerados todos os artigos publicados entre fins de setembro, com o surgimento da epidemia, e 3 de dezembro de 1918, quando a Diretoria de Higiene proclamou a sua extinção na cidade (FREITAS, 1918), totalizando 369 textos – 118 do *Diário* e 278 de *A Província* – que foram agrupados por letras, segundo a publicação, e números, seguindo a ordem cronológica. No entanto, dentro do universo de artigos estudados, o obituário da gripe e as descrições de seus personagens recebe

³ Itálicos do texto original.

aqui uma atenção especial, tornando-se o verdadeiro objeto do presente estudo.

Jornal mais antigo em circulação, o *Diario de Pernambuco* já gozava, em 1918, de grande prestígio no estado. O empastelamento de 1912 tinha deixado marcas nesse veículo de comunicação, que acabaram por motivar o já citado “aviso de neutralidade”, publicado a partir de 1915. Não seria exagero imaginar que a neutralidade passou a ser parte importante da imagem do *Diario de Pernambuco*, como forma de contrabalançar a velha identidade de porta-voz do rosismo, possivelmente ainda fresca na mente dos pernambucanos.

Com um noticiário bem mais dinâmico⁴, *A Provincia* era um jornal quarenta e sete anos mais novo do que o *Diario*. Fundado em 1872, como órgão do então Partido Liberal, do qual deixa de ter vínculos em 1887, *A Provincia*, chegou à era republicana mantendo uma tradição opinativa e parcial em suas páginas. Em sua história, defendeu bandeiras políticas como o abolicionismo e que seriam posteriormente vitoriosas com a Proclamação da República, a exemplo da descentralização administrativa, como também a movimentos de intolerância religiosa, como a campanha anti-protestante, desencadeada por artigos publicados em 1903 (NASCIMENTO, 1966, p. 213-214). Em 1917, o jornal rompe com o governo estadual, seguindo o rompimento do próprio Dantas Barreto e, desde então, passa a atacar a administração do governador Manoel Borba.

O noticiário da espanhola

O tratamento que cada um dos jornais deu à epidemia, evidenciou um antagonismo político entre suas redações. Com a chegada da doença, a Diretoria de Higiene negava categoricamente que a cidade estivesse sendo vítima da mesma epidemia já era conhecida pelas notícias vindas da Europa, versão que não foi contestada pelos jornais até 30 de setembro quando *A Provincia* passa a ir de encontro ao discurso oficial e alerta para a epidemia – já tomando-a como a espanhola – que começa a tomar forma na zona urbana da capital. Em contrapartida, somente uma semana depois, em 8 de outubro, é que o *Diario* reconhece que uma epidemia ganhava as ruas da cidade, um dia antes da nota oficial do governo admitindo o mesmo fato (SILVA, 2003, p. 19). Já a ocorrência de vítimas começa a ser anunciada no jornal oposicionista em 5 de outubro, como “uns dois ou três casos fatais”, enquanto o DP só

⁴ No segundo semestre de 1918.

vai registrar a ocorrência de vítimas em 12 de outubro, data de publicação de seus primeiros obituários tendo como causa da morte a epidemia.

O destaque dado à epidemia no Recife também variou de acordo com a publicação. Líder, *A Província* publicou 278 artigos durante pouco mais de dois meses. Desses, aproximadamente 78% (217 artigos) foram para a primeira página, sendo, também, o jornal que maior quantidade de artigos publicou na capa. Já o *Diario de Pernambuco*, responsável por 118 artigos sobre a gripe espanhola na cidade, dedicou menos de 13% deles (15 artigos) à página inicial. A maioria das notícias, um pouco mais da metade delas (62 artigos), ficou na terceira página.

Desde o início da epidemia no Recife, e a despeito de sua posição oficial de neutralidade, o DP passou a ridicularizar ou desacreditar os ataques ao governo de Manoel Borba, como produto dos exageros de uma imprensa sensacionalista, que via na gripe um assunto a ser explorado. O uso do discurso médico-científico no *Diario* favoreceu o discurso político governista. A insistência na benignidade da doença, mesmo quando esta já se instalara no Recife, teve por efeito contrabalançar as notícias menos favoráveis publicadas nos jornais de oposição. As acusações de sensacionalismo punham em dúvida a legitimidade do discurso publicado nos periódicos oposicionistas.

Em 9 de outubro, no início da epidemia, o *Diario* publicou: “parece, entretanto, que a moléstia vai entrando na sua fase de declínio” (A INFLUENZA, 1918a, p.3). No dia 22 do mesmo mês, já no período agudo, com o número de mortes diárias chegando à casa das centenas, o texto sobre a epidemia continuava a dizer que “dia-a-dia mais se acentua, felizmente, o declínio da epidemia” (A INFLUENZA, 1918b, p. 1). Durante o período compreendido entre as duas datas, o discurso do *Diario* continua a insistir em diversos outros artigos, no declínio da doença, começando por algo que “parece” estar declinando para um cenário que “felizmente” declina a doença, ainda que seja um quadro não respaldado pelos números nos cemitérios. Essa modalização do discurso, saindo da suposição, gradualmente, para a certeza, pode levar a um efeito de simulacro do real, uma vez que a modalidade é “um ponto de intersecção no discurso, entre a significação da realidade e a representação das relações sociais” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 201). O efeito dessa proposição de declínio da epidemia seria o de tranquilizar uma população apavorada com a virulência da gripe ao antecipar a iminência de seu fim. Tudo isso aponta para uma hegemonia do discurso político borbista nas páginas do *Diario de Pernambuco*.

Em contrapartida, o discurso da epidemia encontrado em *A Província* não estava advogando simplesmente em prol de uma suposta verdade epidêmica encoberta pelo *Diário de Pernambuco*. A gripe espanhola servia ao jornalismo oposicionista como o mais perfeito contraponto à competência demonstrado pelo governo anterior que “nem ao menos soube conservar o serviço de saúde pública que o marechal Dantas deixou tão bem organizado” (O GRANDE, 1918, p.1). Publicar a incompetência borbista era, por comparação, exaltar as conquistas do dantismo na saúde, no que o advento da epidemia de 1918 foi um episódio feito sob medida para esse uso político, ainda que os jornalistas e profissionais de *A Província* estivessem vivenciado, eles mesmos, a gripe como evento biológico. O símbolo máximo da época de ouro de Dantas Barreto, idealizada pelo jornal, era o fechamento do Hospital de Santa Águeda – citado em diversas matérias (A EPIDEMIA, 1918, p.1) – por Gouveia de Barros, secretário dantista responsável pela saúde, que havia encerrado as atividades daquele estabelecimento sob o argumento de “falta de doentes” que justificassem sua atividade. Presume-se que a lógica dessa argumentação parta do entendimento, presente no discurso médico da época, que todas as doenças, ou a maioria delas, eram perfeitamente prevenidas pela boa higiene, no que o fechamento de um hospital deveria ser visto como algo a ser comemorado como prova da eficiência das medidas profiláticas promovidas pela ciência daquele momento histórico.

Os personagens da gripe de 1918

O tom político transpassou o noticiário da gripe, mas havia exceções. Por obrigação da etiqueta, cabia ao jornalismo de então anunciar aos seus leitores os grandes eventos sociais da vida dos integrantes mais abastados da sociedade da época. Por isso, ainda que o número da morbidade no Recife fossem mal informados ou que modalizadores textuais transmitissem uma equivocada impressão de que a epidemia estava em declínio, o obituário social deixava transparecer um pouco dos dramas pessoais de alguns habitantes da cidade. Publicados por todos os jornais, inserido por *A Província* dentro do próprio noticiário da gripe, o obituário das vítimas do doença destacou-se mesmo no *Diário de Pernambuco*. Os tons brandos com que foi pintada a epidemia em grande parte do discurso desse jornal teve seu contraponto no obituário, que transmitia um outro panorama da cidade sob a gripe espanhola, como exemplifica a tabela 1.



CÓDIGO	TRECHO DESTACADO
A022	Faleceu ontem às 12 ½ horas, em casa de residência de seus tios, à estrada João de Barros, nesta capital, vítima de influenza, o estimado moço Sr. Jorge dos Santos Araujo, auxiliar do comércio. O pranteado morto contava 25 anos de idade e era solteiro. O enterro realizou-se ontem às 14 horas com avultado acompanhamento. Pêsames à sua Exma. Família
DIARIO Social. Diário de Pernambuco , Recife, 14 out. 1918, ano 94, n. 283, p.3.	
A030	[...] D. Maria Diva era filha do saudoso Dr. Manoel do Rego Mello e de sua Sra. D. Maria da Conceição Carneiro de Mello. Nasceu na cidade de Paudalho a 8 de agosto de 1896. Contava, assim, 22 anos de idade. Teve o infortúnio de perder o pai aos cinco anos, mas recebeu esmerada educação nesta cidade, no Colégio Prytaneo, onde conquistou o título de professora, em 1912, após um curso brilhante em que pôs à prova os seus dotes de inteligência. Consoiciou-se, ultimamente nesta cidade, a 6 de abril com o Sr. Raphael Alves, para quem era toda dedicação e carinho nesses seis meses de felicidade que durou o lar anteontem tragicamente desfeito. [...]
D. MARIA Diva de Mello Alves. Diário de Pernambuco , Recife, 17 out. 1918, ano 94, n. 286, p.2	
A035	[...] D. Francelina Pimentel contava apenas 33 anos de idade, tendo deixado na orfandade os seguintes filhos: Albertina, Antonietta, Argentina, Adalgisa, Aracy, Annita e Avany, todos de menor idade. Era uma senhora virtuosa pelos seus formosos dotes do coração e espírito e sociedade, onde gozava de estima e contava vasto círculo de relações de amizade, geralmente bem quista no seio de nossa sociedade. [...]
DIARIO Social. Diário de Pernambuco , Recife, 19 out. 1918, ano 94, n. 288, p.2	
A090	Na residência de sua avó, faleceu ontem, às 6 horas, vitimado pela influenza, o pequeno Arlindo Pinto Malheiro, filho do Sr. Armando Pinto Malheiro, pagador do engenho “Japaranduba”, em Palmares. Arlindo contava apenas 4 anos de idade e era o encanto de seus pais. O seu enterramento será feito hoje no cemitério do Arraial.
DIARIO Social. Diário de Pernambuco , Recife, 6 nov. 1918, ano 94, n. 306, p.2.	

Tabela 1 – Relato dos óbitos publicados no *Diário de Pernambuco*

Rico em descrições de histórias de vida das vítimas da epidemia, o obituário dos tempos de influenza é, possivelmente, o ponto do noticiário da gripe em que o discurso político tenha se sobressaído menos. No caso específico do *Diário*, esse obituário trouxe à luz o que o muitas vezes o restante do noticiário tentava omitir. No DP, as mortes provocadas pela gripe espanhola deixavam de ser apenas números nos boletins emitidos pela Diretoria de Higiene para adquirir um nome, uma idade, uma residência e um estado civil. Por trás das frases de respeito obrigatórias e de uma polidez muitas vezes excessiva, a descrição das vidas dessas vítimas possivelmente enriquecia a representação social da doença que se alastrava. Nesses obituários, a gripe não era somente uma anomalia biológica, isolada e distante, e sim um evento de transformação social, um fator de mudança de vidas com as quais os leitores poderiam se identificar, como a do rapaz que morre ainda jovem na casa dos pais, da esposa que

se foi apenas 6 meses depois do casamento, da mãe que deixou órfãos seus 7 filhos ou do filho que nunca chegaria aos 5 anos.

Não é que o obituário de *A Província* fosse menos rico em detalhes de vida ou em histórias tristes, mas dois fatores contribuíram para que ele se destacasse menos dentro do noticiário desse jornal. O primeiro é que as notas fúnebres estavam inseridas nos próprios artigos da gripe, como parte integrante de um mesmo fenômeno noticiado, o que não acontecia no *Diário*, onde eram separados. O segundo motivo é que alguns artigos de *A Província* sobre a gripe espanhola usaram a reportagem de rua e o texto descritivo como instrumentos que, discursivamente, ajudaram a aproximar a crise epidêmica do seu leitor e, portanto, diminuindo o efeito de contraste entre seu noticiário e o obituário, como se vê na tabela 2.

A partir de 12 de outubro, *A Província* inaugurou uma prática que marcaria o seu noticiário durante toda a crise. Nesse dia, repórteres foram destacados para averiguar direto do Cemitério de Santo Amaro, no Recife, o número de enterros de vítimas da epidemia (B051). Essa prática manteve-se mesmo depois que a Diretoria de Higiene resolveu, ela mesma, divulgar o número e a causa de óbitos na cidade. Diariamente os jornalistas de *A Província* somavam os números de vítimas enterradas em Santo Amaro e comparavam com a média diária do mesmo período do ano anterior, para, com isso, reforçar o alto número de óbitos causados pela epidemia e mesmo alertados pelo diretor da Higiene de que tal prática não seria estatisticamente correta (A INFLUENZA, 1918c, p.3), mantiveram-na, possivelmente como forma de pressão. A verificação *in loco* dava credibilidade aos artigos de *A Província*, uma vez que supostamente não haveria intermediários, além do próprio repórter, entre o fato e a informação coletada.

A reportagem de rua também levou *A Província* a descrever o dia-a-dia no Recife sob a epidemia de gripe. No trecho publicado em 14 de outubro (B066) e destacado no quadro 15 é possível observar o efeito dessas descrições. As imagens da fabricação de caixões e de carros fúnebres percorrendo ruas desertas à noite se aproximam de uma descrição literária de um ambiente macabro, onde pessoas aguardam pelo pior. O horário declarado, as ruas descritas, conhecidas pela maioria dos habitantes da cidade. O medo coletivo da morte, despertado pela epidemia, é captado na “expectativa dolorosa” descrita naquelas linhas. Quebra-se a distância e formalidade do texto jornalístico e o redator assume também seu lugar na história que descreve. A



doença não é mais uma possibilidade distante, ou algo que aconteceu num não-lugar. Ela agora “se abate sobre nós” e não apenas “sobre eles” e, ao fazer isso, o enunciador aproxima-se do que a epidemia tem de peculiar, nas palavras de Foucault (2004, p. 25), pois que ela “tece em todos os doentes uma trama comum, mas singular, em um momento do tempo e em determinado lugar do espaço”.

CÓDIGO	TRECHO DESTACADO
B051	[...] Eram 10 ½ da noite. O último “tramway” já tinha passado para o Jiquiá. As duas extensas filas de casas daquela rua estavam com as suas portas cerradas. À medida que avançávamos, [ilegível] gemidos e ais chegavam aos nossos ouvidos. A tosse ali era contínua, fazendo concerto com o vento que naquela artéria sopra rijamente. Voltamos por outras ruas, onde a dolorosa cena da rua Imperial se repetia a miúdo, chegando aqui, nesta redação completamente abatidos pelas dores que acabávamos de ouvir através das casas de alguns trechos de nossa deserta capital. [...]
A “INFLUENZA”. A Província , Recife, 12 out. 1918, ano XLI, n. 281, p.1-2.	
B066	[...] À hora em que escrevemos estas linhas – 22 horas e 40 minutos – numa banca de redação d’”A Província”, à rua do Imperador, os martelos fatídicos da Casa Agra pregam e repregam caixões mortuários. O único movimento que há nas ruas é o dos carros levando corpos para o depósito. Um pavor nos arrepia e choca. Uma desolação em tudo. E , apesar dessa expectativa dolorosa, dessa calamidade que se abate sobre nós, numa grande cidade como é a do Recife, cheia de milhares de enfermos da epidemia, nem uma só farmácia aberta. [...]
A “INFLUENZA”. A Província , Recife, 14 out. 1918, ano XLI, n. 283, p.2.	
B129	[...] A autoridade assim que nos divulgou, encostado ao portão do cemitério, veio ao nosso encontro e teve a curiosidade de indagar o que fazíamos ali. - Estamos aqui a serviço de reportagem. - Já sei que é sobre a epidemia. - É exato. - O serviço de enterramento aqui é o pior possível. Inúmeras são as reclamações que tenho recebido nesse sentido. [...]
A “INFLUENZA”. A Província , Recife, 22 out. 1918, ano XLI, n. 291, p.1-2	
B209	[...] Para os seus inquilinos, segundo eles próprios declararam, o pão é manjar de luxo e a carne verde, então, nem se comenta. Na porta de um mocambo em ruínas estava sentada uma mulher e para lá nos dirigimos. Às nossas indagações, declarou que se chama Joaquina Geraldina e que não fora ainda atacada de “influenza” espanhola. Dali, atravessamos a rua e batemos à porta do mocambo que tem o número 30. Veio nos receber a dona da casa, de nome Maria Francisca. Disse-nos ela, que da sua casa caíram todos: o seu companheiro João Calixto e as suas filhas Amara, de 9 anos, e Philadelpha, de 4. Trataram-se de acordo com as suas posses. [...]
UMA REPORTAGEM Opportuna. A Província , Recife, 03 nov. 1918, ano XLI, n. 303, p.1.	

Tabela 2 – A reportagem de rua no noticiário de *A Província*

A este quadro de cores fortes do cotidiano epidêmico, juntam-se os personagens que surgem do noticiário. O estivador “Maceió”, que morreu no cortiço

onde morava e ficou lá, insepulto por 3 dias (A “INFLUENZA”, 1918a, p.1); a garotinha que chorou na porta de casa à saída do caixão com o corpo de sua mãe (A “INFLUENZA”, 1918b, p.1); o carregador André Leocadio da Silva, que enlouqueceu devido à doença, saiu de casa e não mais voltou (A “INFLUENZA”, 1918c, p.1); o homem que se jogou na frente do trem por supostamente ter em casa 12 familiares doentes de gripe (OS DESILUDIDOS, 1918, p.2). As tragédias pessoais somam-se ao quadro geral, amplo e científico da epidemia. Em 22 de outubro a equipe de *A Província* publicou sua saída, contando óbitos e em busca das condições de uso dos cemitérios da cidade (B129), trazendo histórias como a do coveiro “Cazuza”, do cemitério do Barro, que cobrava propina da família para não deixar o corpo esperando pela sepultura. Em 3 de novembro, quando a epidemia já decrescia, é a vez da reportagem percorrer as ruas do Pombal, de casa em casa, procurando por doentes, nomeando-os e descrevendo a miséria das habitações populares (B209).

Conclusão

É possível inferir que estratégia descritiva utilizada por *A Província*, especialmente numa cidade que ainda não conhecia o rádio e num mundo sem televisão, foi um poderoso instrumento de representação da gripe espanhola no Recife. A descrição, a nomeação, a inclusão do enunciador, tudo isso são estratégias que têm por objetivo eliminar a distância que separa o discurso do jornal como instituição, do leitor como indivíduo (FOWLER, 1991, p. 59). São instrumentos que aproximam o leitor do que está sendo retratado. A emulação da fala, como exemplificado nos trechos destacados na tabela 2 (B129 e B209), também possui o mesmo efeito, uma vez que traz a presunção do real, da não-mediação que um texto conclusivo sobre o diálogo não teria. Esse material jornalístico também tem forte apelo na pesquisa histórica atual, justamente por mostrar um cotidiano epidêmico ausente dos relatórios e dados oficiais da gripe.

Por outro lado, o *Diário de Pernambuco*, adotando o discurso oficial – mas não o assumindo – tem em seu obituário a negação da gravidade epidêmica que o jornal tenta amenizar no registro da gripe espanhola. Michel Foucault ressaltou o caráter coletivo das epidemias, argumentando que esse fenômeno “exige um olhar múltiplo; processo único, é preciso descrevê-la no que tem de singular, acidental e imprevisto” (2004, p. 26). É esse caráter coletivo e, no caso da gripe espanhola, sua alta morbidade,



que faz desse evento histórico um bom contexto para a compreensão das forças que estavam por trás do discurso no jornalismo pernambucano da segunda década do século XX. Forças políticas opostas dentro de uma mesma elite que, mesmo defrontadas com o medo da morte não hesitaram em usar os eventos que se desenrolaram naqueles meses de 1918, transformados em discursos para a conquista ou manutenção de sua posição de mando. Nesse cenário, é na obrigação social de anunciar o falecimento de personagens dessa elite que a singularidade do momento epidêmico aflora, contrabalançando momentaneamente a hegemonia do discurso político.

O jornal é, portanto, a arena onde o discurso médico-científico se molda conforme a atuação de diversos outros discursos presentes, que representam, em última instância, aos vários estratos constituintes de uma sociedade, num determinado período de tempo. Nesse contexto, nem todos os grupos sociais terão influência sobre o dito no discurso médico-científico. Sem a pretensão política do noticiário principal, as notas sociais do *Diario* acabaram por romper o cerco partidário no discurso jornalístico, mas que refletiam, entretanto, apenas outro enfoque da mesma elite. Efeito similar conquistou as personalizações evocadas por *A Província*, que em alguns momentos transcenderam a primazia discursiva partidária, fazendo-se vislumbrar a tragédia que recaía sobre todos.

Referências Bibliográficas

A EPIDEMIA. **A Província**, Recife, 07 out. 1918, ano XLI, n. 276, p.1.

A “INFLUENZA”. **A Província**, Recife, 13 out. 1918a, ano XLI, n. 282, p.1

A “INFLUENZA”. **A Província**, Recife, 16 out. 1918b, ano XLI, n. 285, p.1.

A “INFLUENZA”. **A Província**, Recife, 23 out. 1918c, ano XLI, n. 292, p.1-2.

A INFLUENZA Espanhola. **Diario de Pernambuco**, Recife, 09 out. 1918a, ano 94, n. 278, p.3.

A INFLUENZA Espanhola. **Diario de Pernambuco**, Recife, 22 out. 1918b, ano 94, n. 291, p.1.



A INFLUENZA HESPAÑOLA. **Diário de Pernambuco**, Recife, 24 out. 1918c, ano 94, n. 293, p.3.

BERTOLLI FILHO, Claudio. **A Gripe Espanhola em São Paulo, 1918**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CARDOSO, Fernando Henrique et al. **O Brasil Republicano: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930)**, Tomo III. 6 ed. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1997.

DÁVILA, Beatriz Echeverri. **La Gripe Española: La pandemia de 1918-1919**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1993.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. **O Nascimento da Clínica**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOWLER, Roger. **Language in the News**. Londres: Routledge, 1991

FREITAS, José Octavio de. **A Influenza Epidêmica em Pernambuco em 1918**. Recife: Imprensa Industrial, 1918.

JOFFILY, Bernardo. **Istoé Brasil 500 Anos: Atlas Histórico**. Editora Três: São Paulo, 2000.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)**, Vol. I. 2 ed. Recife: Imprensa Universitária, 1968.

_____. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)**, Vol. II. Recife: Imprensa Universitária, 1966.

NO PORTO do Recife. **Jornal Pequeno**, Recife, 25 set. 1918, nº 220, ano XX, p. 1.

O GRANDE mal. **A Província**, Recife, 15 out. 1918, ano XLI, n. 284, p.1

OS DESILLUDIDOS da Vida. **A Província**, Recife, 24 out. 1918, ano XLI, n. 293, p.2.

SILVA, Estelita Medeiros Mões e. **Influenza no Recife: A Cidade Doente**. A Gripe



Espanhola, Noticiada pelo Jornal “A Província”. 2003. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Z Aidan, Michel. Tradição Oligárquica e Mudança. **Tempo Histórico**, Recife, jul-dez 2005. Disponível em <<http://www.ufpe.br/historia/artigo5rev1.htm>>. Acesso em 03 jul 2008.